

Corpos negr@s e outros sentidos:
Poemas de uma identidade plural

Dayanne da Silva Santos¹

Avareté

*Eu sou terreira
meu corpo é território de guias
do povo do fundo
dos caboclos da mata
dos encantados da beira de
caminhos
dos tucunzeiros
dos manguezais
eu sou terreiro
entro em transe contínuo
Às vezes irradiada
Abaixo a cabeça
Em respeito aos meus guias
De cabeça baixa
Minha croa se abre
Seja noite, seja dia
A quem me protege
Dupé
Obrigada!*



Foto: José meu mano (2020)

¹Mulher negra, ativista, poeta e de terreiro. Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e integrante do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA). Contato: lavignedayanne@gmail.com

Os poemas aqui expostos são gritos de liberdade que expressam e inscrevem uma mulher negra na luta política contra o racismo. Foram e são canais de cura para escrever, desde dentro, palavras que são sentidas antes mesmo de serem ditas; que estilhaçam máscaras de silenciamentos históricos que ainda estão cotidianamente presentes nas relações sociais brasileiras. Os poemas que aqui empresto a vocês são narrativas insurgentes que reivindicam lugares outros de fala, ao mesmo tempo interpelam o *status quo* dominante, amplificando vozes pretas, que fundamentam a minha humanidade. O corpo existe e resiste quando ecoa políticas tecidas com afetos. Palavras – chave: Corpo; Resistência; Inscritas; Políticas.



Miragem

Eu me lembro que quando criança sentada na porta
na calçada de minha avó
entre as pernas de minha mãe
ela me penteava e doía
o pente era fino demais
mas era o único que tínhamos
em uma tarde de sol
uma tia chegou
com um pote de creme nas mãos
ela me olhava e sorria
sorrindo ela dizia:
agora bela você vai ficar
o creme teu fuá vai alisar
eu nada entendia
o creme percorria meu cabelo
meus olhos ardiavam
depois de seco, era o ferro quente
de quem eu temia
Às vezes me queimava
Às vezes doía
meus cachos violentamente foram desfeitos
eu fui me mirar no espelho
mas não me via
quanto mais o espelho me mirava
mais a mulher negra dentro de mim se escondia

****Mulher****

A minha feminilidade sangra
Esse sangue é denso e diverso
Me abaixo e tiro a calcinha
O sangue cai e fertiliza a terra
A terra germina meus troncos velhos
Essas raízes são sagradas

ENTRANÇADA

Quando eu penso em intelectualidade
penso no meu corpo negro,
nas tranças que eu não fiz quando criança
na minha raiz sendo esticada/alisada
nos apelidos racistas,
na/o professora/o que não via futuro em mim
que me disse para fazer outra coisa,
porque eu não era “*intelectual*”
penso nas pretas que foram obrigadas a abortar seus sonhos,
nas que não conseguem falar por conta do silenciamento imposto
e faço do meu corpo movimento para tensionar
essa estrutura racista, sexista, colonial e patriarcal.
Com os passos/aprendizados de muitas pretas
luto contra uma escravatura,
o racismo.

Avareté



Preta

Preta Maria
Tua voz suave
à liberdade me conduzia
teus cachos grisalhos
entoavam rebeldia
teu batom suave
nossa beleza descobria
tua postura falante
me empolgava e eu sorria
me via na tua história
me sentia Maria
mãe de Dandara
avó de Anaya
Maria do Carmo
Preta no tambor resplandecia

ESCOMBROS

Significado:
Destroços, entulhos,
Somos seres amontoados, homens e mulheres com identidades que se transplantam
dentro e fora de nós
Negro, negra – somos gente preta
Desde a escravidão somos entulhados, somos renegados, somos violentados
HUMANO
Somos lixos descartáveis por aqueles que têm dinheiro
Grito, fome, sangue, lágrimas de dor, lágrimas
CALMA
Que a morte ainda não chegou e, mesmo quando mortos, são dos escombros, das ruínas
que nos levantamos mais uma vez para lutar contra a opressão
Preto – Preta
Somos
Significado:
Afirmação da vida sob os escombros de uma sociedade imagética
Que ao definir o meu corpo por meio da minha cor - define quem eu sou
Me aprisiona, me tortura
Mas eu levanto e grito
Não somos restos de uma sociedade que não nos pariu
Somos sementes que na genealogia da vida reexiste, se reinventa mesmo quando
amarrados no tronco, mesmo com armas apontadas para nossas cabeças...
Bú!!!
É a vida que nos reinventa.

Almas entulhadas

Entulham nossos corpos
em estratificações corrosivas
Modernidade
Ação química
que cotidianamente nos danifica
Corpos máquinas
Projetados como mercadoria
Relação doentia
De uma modernidade sombria
No topo do Rio
Cristo branco, o redentor.
Nas favelas
Corpos negros que se rebelam
É chegada a hora
Ressuscitamos os mortos
Na lua nova
As lágrimas que caem são espectros
De nossa gente
Sementes
De uma revolução de corpos negros
Que se rebelam
Marcham em fúria
Contra a Nação
E vamos pregar a liberdade!
Queiram eles ou não.



Um batalhão contra a “Nação”

Não nos calaremos
Nossos gritos são gemidos, sussurros de indignação
Não nos calaremos
Nossos corpos continuam sendo coisificados pela Nação
As correntes do desenvolvimento nos arrastam para a escravidão
Para o porão
Dentro das viaturas somos embalados em sacos pretos
Dentro de viaturas somos lançados em modernos cativeiros
Somos detentos, perigosos prisioneiros
A segurança da Nação exige e autoriza o genocídio do povo negro
Quilombola, camponês, periférico, batuqueiro e mineiro
Povo amaldiçoado, macumbeiros, feiticeiros
Linguagem maldita da Nação branca
Que esfola minha voz,
que esfola meu corpo
Corpo negro da resistência
Linguagem maldita que esfola minha voz
Corpo branco, da branquitude sujo fim do mundo
Eu levanto, sou fantasmagórico
Coberto de sangue ainda sinto a bala de fuzil por engano
72 tiros, 80 tiros
Coberto de sangue
eu olhava teu corpo branco
Estava fardado, era segurança,
Era a polícia/o Estado que me estrangulava no chão
No Maranhão, no Brasil, em Minnesota, nos E.U.A
Corpo branco sujo fim do mundo
Eu te amaldiçoo
Eu convoco todos os Orixás
Eu reúno o povo do fundo,
das matas e dos caminhos
Eu marcho em fúria
Já não respiro mais e coberto de sangue
Eu comando um batalhão
Um batalhão de corpos negros
que se revoltam contra a Nação.

Dou-tri-nar

*Eu te miro com o espelho de Oxum
Eu me levanto com a espada de São Jorge
Eu vim da lama
Eu sou guerreira
Enfrento a morte
Dela sou mensageira
Me firmo com as espadas de Ogum
Me cubro com as folhas da Jurema
Peço licença aos mensageiros
Luto com Sangô
Tenho Nanã pra me guardar
Eu vim da lama
Eu sou guerreira
Enfrento a morte
Dela sou mensageira*

Estamos em luta desde que o navio negreiro nos arrancou de nossa mãe África.



ESPELHO REFERENCIAL

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.